

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XL  
Volume II

---

**Evolução do efeito da cor na  
produção de respostas ao  
Rorschach em crianças**

DANILO R. SILVA

---



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2019



# **Evolução do efeito da cor na produção de respostas ao Rorschach em crianças**

DANILO R. SILVA

*Ao Professor Doutor Ferreira Marques*

## **INTRODUÇÃO**

Desde o seu aparecimento, em 1921, o teste de Rorschach ou o Método dos Borrões de Tinta de Rorschach, designação sugerida por Weiner (1995), no XIV Congresso Internacional do Rorschach e outros Métodos Projectivos, realizado em Lisboa, em 1993, tem sofrido numerosas vicissitudes, alcançando o seu apogeu, como instrumento de diagnóstico clínico nos anos quarenta e cinquenta, e sofrendo importante descrédito ao longo dos anos sessenta, a ponto de se temer, nos Estados Unidos da América do Norte, pela sua subsistência. A história da utilização deste instrumento de avaliação em Portugal está por fazer.

No final da década de sessenta, surge, nos Estados Unidos, um homem que, dentro do percurso que vinha a trilhar há mais de uma década, meteu mão a uma obra ingente que foi a de dotar o Rorschach das características requeridas aos instrumentos válidos de avaliação psicológica, isto é, um material padronizado com instruções de aplicação e codificação igualmente padronizadas, preciso e válido nos seus resultados. No final de duas décadas de vasta investigação, o *Sistema Integrativo do Rorschach*, construído por John E. Exner, Jr. mereceria o privilégio de figurar entre vários outros instrumentos de avaliação devidamente creditados, num livro editado em 1984 por autores de orientação cognitivo-comportamental, Goldstein e Hersen com o título *Handbook of Psychological Assessment*, editado pela terceira vez em 2000. Tinham-se estabelecido, pela vez primeira, de maneira objectiva, dados normativos para a população norte-americana, demonstrara-se a possibilidade de avaliar a sua garantia e iniciaram-se os estudos de validação, aproveitando o desenvolvimento da ciência

informática e da estatística que tiveram um surto notável, ao longo dos anos oitenta.

Este Sistema foi por mim introduzido em Portugal em 1986, através da criação de uma cadeira optativa da formação em Psicologia, na então designada Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Este passou a ser o meu principal objecto de investigação que se centrou, especialmente, na aplicação deste instrumento a crianças, muito embora tenha também orientado e desenvolvido estudos com adultos. Um dos primeiros ousou pôr em causa a adequação das normas americanas para os países europeus (Silva, Novo, Prazeres, 1990), trabalho que suscitou todo um movimento internacional de estudos normativos em países tão diferentes como Venezuela, Brasil, Espanha, Dinamarca, Holanda, Chile, etc.; outros mais específicos, no âmbito da dependência da droga e do álcool, onde se indicava a possibilidade de se diferenciarem diversos subgrupos numa amostra de dependentes da heroína (Silva, Nicolau, 2003) ou se distinguiam entre si dois grupos, um de alcoólicos e outro de dependentes da heroína (Silva, Dias, Bacelar-Nicolau, 2005).

Os estudos, que levaram ao estabelecimento de normas para crianças portuguesas dos 6 aos 10 anos (Silva, Dias, 2007), suscitaram diversos problemas com respeito aos equivalentes dados normativos norte-americanos. Tratava-se, fundamentalmente, de esclarecer a questão, geralmente reconhecida, da diferença acentuada entre as médias de Qualidade Formal das respostas obtidas na População americana, mais altas do que as obtidas nos estudos normativos fora dos Estados Unidos. Mediante a utilização da Tabela Americana da Qualidade Formal e de uma Portuguesa por mim organizada a partir de 400 protocolos de crianças portuguesas, pude mostrar que ambas proporcionam, idênticos resultados, verificando-se diferenças tão só no que respeita à Qualidade Formal  $u$ , uma forma boa mas raramente vista. Este dado exigia, em nosso entender, que cada país construísse a sua própria Tabela de cotação da Qualidade Formal, em vez de todos adoptarem a única Tabela existente, a norte-americana, usada indiferentemente com crianças e adultos (Silva e Pires, 2009).

## COR E PRODUÇÃO DE RESPOSTAS AO RORSCHACH

A par destes trabalhos e de outros que não cumpre serem referidos aqui, o tema que escolhi para apresentar hoje constitui o meu segundo tema nuclear de investigação, há alguns anos. Tudo começou com um desafio de Exner que se interrogava sobre se o maior número de respostas dadas ao Cartão X do Rorschach se devia à sua estrutura dividida ou fragmentada, como o haviam proposto no passado Mary Ainsworth e Bruno Klopfer (1954), ou ao facto de ser colorido. Exner havia sido quem pela primeira vez mostrou que a cor tinha como efeito o aumento da produção de respostas aos cartões coloridos do Rorschach (1959). Mas tinha ficado com esta pergunta sem resposta. Foi ao tentar dar-lha que, indo para além da sua sugestão e do que ele próprio havia feito, examinei a questão com um grupo de jovens adultos, 17-20 anos, estudantes do secundário, e com um grupo de crianças predominantemente de 9 anos. Com este objectivo, utilizei uma versão acromática a par da versão padrão cromática dos cartões. Os resultados obtidos confirmaram que, efectivamente, é a cor, e não o carácter fragmentado do Cartão X, que determina o aumento da produção de respostas no grupo dos jovens adultos. Tal não se verifica, no entanto, no grupo das crianças de 9 anos, onde a diferença entre as médias de respostas aos cartões cromáticos e à sua versão acromática é praticamente nula. Trata-se de um resultado surpreendente já que, geralmente, se considera que a cor constitui um elemento positivo, bem aceite pelas crianças e que, por conseguinte, deveria também concorrer para um aumento da produção de respostas nos seus protocolos de Rorschach (Silva, 2002).

Frente a estes dados fui naturalmente atraído pela questão de encontrar uma resposta para qual a razão por que, nas crianças, a cor não tem o efeito de aumentar a produção de respostas. Esta questão, no entanto, veio a tornar-se mais complexa do que pareceu à primeira vista, podendo ter múltiplas implicações teóricas ou requerer a revisão de posições e significados já assumidos. Nesta comunicação, proponho-me, por um lado, dar notícia da evolução do efeito da cor na produção de respostas ao Rorschach e, por outro, apontar, a partir dos dados disponíveis, para possíveis razões do que considero ser inibição da produção de respostas aos cartões coloridos nas crianças.

Dispondo de dados relativos aos jovens adultos e às crianças de 9 anos, fui levado, inicialmente, a perguntar-me o que se passaria em crianças, entre os 5 e

6 anos, um período etário em que o afecto e a emoção ainda são a linguagem dominante da criança, e a passagem do estágio piagetiano pré-operatório para o das operações concretas ainda se não fez ou pelo menos ainda se não fez totalmente. Devo dizer, neste passo, que a cor no Rorschach é considerada, por assim dizer, o veículo da expressão do componente afectivo-emocional do sujeito, muito embora tal ideia não seja reconhecida por todos os autores. Culturalmente, todos estamos cientes do papel simbólico da cor e da sua ligação aos afectos e emoções, aspectos que continuam a ser bastante estudados. A minha ideia, no âmbito do conhecimento do Rorschach infantil, era a de que plausivelmente, numa idade em que a emoção se exterioriza com facilidade, talvez a cor guardasse o efeito observado nos adultos. Por outro lado, tendo em conta a mudança que se opera entre os 9 e os 17-20 anos, observei um grupo de crianças de 11-12 anos, o período de passagem do estágio das operações concretas para o das operações formais, com o intuito de obter alguma indicação relativa ao momento em que se opera a mudança, isto é, o momento em que a cor suscita maior produção de respostas.

Dois grupos de crianças de ambos os sexos, de 5/6 e 11/12 anos foram examinados por psicólogos devidamente preparados para o efeito mas desconhecedores do objectivo do trabalho. Os grupos eram constituídos por 20 rapazes e 20 raparigas, a metade dos quais foram aplicados os cartões coloridos do Rorschach, VIII, IX e X, e à outra metade uma versão acromática dos mesmos cartões.

O exame dos resultados de ambos os grupos, mediante uma análise de variância (ANOVA), que tomava como variáveis as idades (5 vs 11 anos), os sexos (masculino vs feminino), os opostos (cromático vs acromático) e os cartões (VIII, IX, X), revelou que uma só variável isolada surgia como responsável por uma diferença significativa entre o número de respostas dadas aos três cartões, a variável Cartões. A inspecção das médias de respostas dadas aos três cartões revelava que o Cartão X proporcionava um número de respostas significativamente maior do que o dado por cada um dos dois outros cartões. Uma segunda diferença resultava da interacção entre a variável idade e a variável sexo, verificando-se que o grupo das raparigas de 11 anos apresentava uma média de respostas significativamente maior do que a do grupo dos meninos da mesma idade. Uma terceira diferença identificada resulta da interacção entre as variáveis sexo e cartões, em ambos os grupos etários. A análise mostra que o Cartão onde ocorre um número de respostas significativamente superior ao de cada um dos outros dois

é o Cartão X, sendo o sexo feminino responsável por esse aumento de produção de respostas (Silva e Marques, 2008a, 2008b).

Estes resultados revelam a inexistência de diferenças significativas entre médias no grupo dos 5/6 anos e que elas ocorrem no de 11/12 anos, traduzindo-se por uma maior produção de respostas ao Cartão X, por parte do grupo feminino dos 11 anos, muito embora não se tenha determinado qualquer diferença devida ao carácter cromático ou acromático dos cartões.

Numa troca de impressões com uma colega de Coimbra, professora de Psicologia de Desenvolvimento, foi-me sugerido que a mudança que procurava não deveria verificar-se antes dos 16 anos. Este dado levou-me a repetir a experiência com um grupo com idades entre os 15 e os 16 anos, com as mesmas características dos anteriores. Os resultados obtidos confirmaram a existência de diferença significativa entre as médias de respostas obtidas com os cartões coloridos e as respectivas versões acromáticas, diferença favorável aos primeiros. Dado que os grupos utilizados eram de quantitativos pequenos, 20+20, com igual número de rapazes e raparigas, decidi duplicá-lo, tendo eu próprio procedido às vinte últimas aplicações. O aumento da amostra tornou mais nítidas as diferenças significativas obtidas, quer cartão por cartão, quer na totalidade dos cartões. Pode, pois, afirmar-se que é no período etário dos 15/16 anos que se opera a mudança em que a cor passa a ter um efeito real na produção de respostas ao Rorschach. Como pormenor metodológico, devo dizer que a análise estatística efectuada não encontrou diferenças estatísticas significativas entre os *R* (número de respostas por protocolo) por mim obtidos e os obtidos pelos restantes examinadores (Silva e Marques, comunicação apresentada em Praga, 2009).

O Gráfico n.º 1 ilustra, de modo claro, a evolução das linhas traçadas entre os valores médios de resposta, obtidos com crianças portuguesas, entre os 5/6 e os 17/20 anos, nos cartões coloridos e na sua versão acromática.

Note-se como a produção de respostas cresce, nos cartões acromáticos, até aos 11 anos e decresce ligeiramente nos cartões cromáticos. A partir dos 11 anos, verifica-se um aumento acentuado da produção de respostas aos cartões cromáticos e uma descida igualmente pronunciada nos cartões acromáticos. É claro que a maior elevação no grupo dos 15/16 anos, em relação à verificada no dos 19 anos, se deve à maior dimensão da amostra do primeiro. Por outro lado, destaca-se que a produção elevada de respostas aos cartões acromáticos, registada nos

11 anos, deve-se ao maior número de respostas dado pelas raparigas ao Cartão X, sem que tal aumento possa ser atribuído ao seu carácter cromático ou acromático.

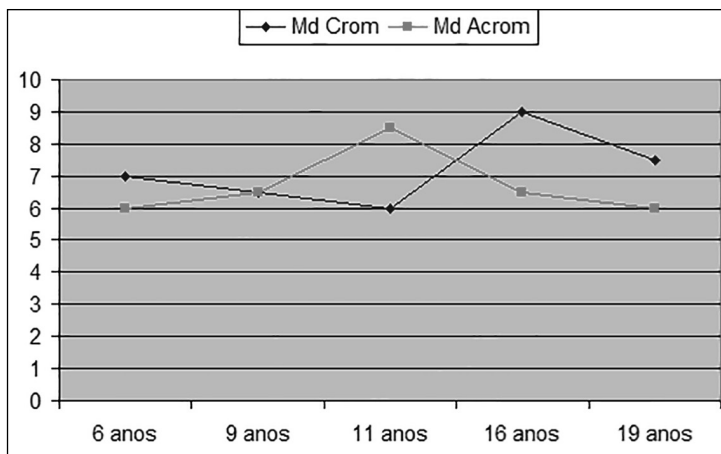


Gráfico 1. Valores medianos das distribuições dos números de respostas dadas aos Cartões VIII, IX e X do Rorschach, nas suas versões, estandardizada e acromática, em cinco níveis etários. (N=40+40, no grupo dos 16 anos; N= 20+20, nos restantes grupos.)

É de salientar que este fenómeno que aqui vos apresento era e pode dizer-se que continua a ser desconhecido na literatura do Rorschach. Por outro lado, suspeito de que, em si mesmo, constitui algo cujo interesse ultrapassa o estrito campo do Rorschach. A questão que, agora, se coloca é a da sua explicação.

### ENSAIO DE EXPLICAÇÃO

Começarei por indicar alguns elementos referentes à natureza da resposta ao Rorschach, que facilitem a compreensão do lugar que a cor ocupa na resposta. Durante muito tempo, as respostas ao Rorschach foram tidas, em grande medida, como resultantes de um processo de associação livre que levou a que se não tivesse dado a atenção merecida às propriedades dos estímulos, isto é, que se descuidasse a respectiva base perceptiva. Nas últimas décadas, mercê do programa de investigação delineado por Exner e sua equipa, a dimensão perceptiva mereceu o destaque que, de resto, o próprio Rorschach lhe havia concedido, ao

considerar o seu *Psicodiagnóstico* «uma experiência de diagnóstico da percepção» a partir de uma «interpretação livre de formas fortuitas» (Rorschach, 1921/1967).

Perante as manchas de tinta que lhe são apresentadas com a instrução de dizer o que poderiam ser, a resposta do indivíduo exigirá a sua concentração visual na mancha, perscrutando-a ou examinando-a até identificar uma forma de objecto mais ou menos compatível com a área da mancha interpretada. Esta maior ou menor compatibilidade é o que permite diferenciar entre boas ou más formas no Rorschach.

### — A forma

Mas em que se apoia esse grau de compatibilidade entre forma vista e área interpretada? Exner debruçou-se sobre esta importante questão que não fora anteriormente objecto da atenção requerida. É frequente afirmar-se que as manchas de tinta do Rorschach são inestruturadas e que a sua ambiguidade, isto é, a variedade de respostas que suscitam é, por assim dizer, ilimitada. Estas são afirmações algo superficiais, carecidas de reflexão e fundamento, como tentarei mostrar. Com efeito, o reconhecimento da existência de respostas Populares, respostas vistas por um em cada três indivíduos, em algumas dessas manchas, invalida o juízo relativo à ausência de estrutura nas mesmas. Se acrescentarmos o facto de que algumas dessas respostas ocorrem em percentagens que ultrapassam os 70%, menos dignas de crédito são tais afirmações. Consideremos a Área *D1* do Cartão VIII. A resposta referindo um animal de quatro patas constitui a resposta Popular mais frequente de entre as identificadas no Rorschach. A razão dessa frequência reside na nitidez dos traços distais que favorecem a identificação dessa forma. No caso presente e pela razão indicada, esta área constitui a única cujos traços são exclusivamente compatíveis com a forma de um animal de quatro patas, não todos por certo, de acordo com as respostas dadas por pelo menos 2% da população-amostra.

Em cada cartão, existem diversas áreas dotadas de traços distais com níveis de nitidez variáveis. Tais traços não se limitam às linhas de contorno, como no exemplo dado. O sombreado, as cores, a disposição de certas linhas, enfim, a própria dinâmica dentro do campo de estímulos são outros tantos traços que favorecem respostas e cujo conhecimento plausivelmente nos escapa. Tomemos o exemplo do Cartão I. Identificaram-se duas respostas Populares neste cartão:

Morcego e Borboleta. Se se apresentar a mancha com a tonalidade acromática substituída por azul ou amarelo, mantendo tudo o mais inalterado, verifica-se que a resposta Morcego, cuja ocorrência atinge os 45% por cento dos protocolos, se reduz quase a zero. Por sua vez a resposta Borboleta, que ocorre em cerca de 40% dos protocolos, tem a sua frequência duplicada. Este dado mostra que a cor acromática é uma propriedade distal determinante da resposta Morcego, muito embora a maioria destas respostas não contenha referência ao carácter acromático da mancha (Exner, 2003, pp. 169-171).

Estes são elementos que mostram, por um lado, que as manchas não são desprovidas de estrutura e, por outro, que a sua ambiguidade, em termos de boas formas, tem limites. Com efeito, os estudos normativos do Rorschach, um pouco por todo o mundo, confirmam estes dados (*Journal of Personality Assessment*, Supplement I, 2007). Na realidade, os objectos codificados com boa forma, vistos por pelo menos 2% da população, tendem a ser em número limitado. Assim, dos 5 018 itens que constituem a Tabela da Qualidade Formal, elaborada por Exner e sua equipa (2001), apenas 1 011 (21%) são classificados como *o* (boa forma) (Exner, 2003, p. 365). De igual modo, na Tabela idêntica elaborada sob a minha direcção, a partir de uma amostra de 400 crianças, com idades dos seis aos dez anos, a primeira construída fora dos USA e baseada tão só em protocolos de crianças, a percentagem de itens ou entradas correspondentes a objectos de boa forma, com excepção das respostas com forma Popular, situa-se entre os 10 e os 18%, em todos os cartões excepto o Cartão V onde atinge os 28%.

Todos estes elementos são de molde a destacar a base perceptiva e sua importância nas respostas ao Rorschach. Que dizer, agora, do lugar da cor nesta operação perceptiva de dar uma resposta?

#### — A cor

Ao iniciar as buscas e o estudo que me permitiriam encontrar uma resposta para esta questão, apercebi-me da complexidade da matéria, da multiplicidade dos campos e perspectivas de abordagem. Por outro lado, são inexistentes os estudos susceptíveis de me proporcionarem uma via de compreensão do fenómeno presente — por que razão as crianças, ao responderem ao Rorschach, não aumentam o número médio de respostas dadas aos cartões coloridos como o fazem os adultos? Com efeito, a revisão da bibliografia do Rorschach referente

ao determinante cor não me parece ter evoluído de modo significativo, desde os anos cinquenta e sessenta, após as intervenções de Exner (1959, 1962), as análises de Shapiro (1960) e as reflexões de Schachtel (1966). O excelente livro de Leichtman, publicado em 1996, empenhado, antes de mais, em destacar o carácter representativo, não perceptivo da resposta ao Rorschach, não me é de ajuda para o objecto do meu estudo. Foi apenas num livro de Rausch de Trautenberg e Boizou, publicado em 1977, que encontrei uma reflexão que vem ao encontro dos dados encontrados.

Rainer Mausfeld inicia assim um seu capítulo recente sobre a cor: «A cor é um dos mais destacados aspectos das experiências visuais. Juntamente com a forma confere aos objectos a sua diferenciação própria e é uma característica saliente da aparência dos objectos» (2005, p. 382). Esta é uma afirmação que se integra claramente no campo da percepção e que todos reconhecemos como acertada, pois adequa-se certamente às nossas vivências visuais do dia-a-dia. No entanto, esse acto perceptivo, que nos permite ver o objecto conhecido como uma unidade, resulta de um processo organizador que durou anos. Forma e cor resultam de processos separados. Desde logo, a percepção da forma assenta em actos e operações que nada têm a ver com a percepção da cor. Sabemos que as crianças são particularmente atraídas pelas cores, sobretudo as cores mais vivas, o que se verifica desde o berço. A razão desse facto reside na própria natureza da cor como estímulo, um estímulo que se impõe coactivamente ao sujeito, um estímulo face ao qual a reacção do sujeito é passiva. Poderíamos dizer, no limite, que, nos níveis do desenvolvimento primitivo, onde há cor não há forma. No Rorschach aplicado a crianças de 2/3 anos, são muito frequentes as respostas de nomeação da cor aos cartões coloridos<sup>1</sup>. Nestas respostas, estão ausentes o objecto e a sua forma, apenas o nome da cor é viável, como consequência da intensidade do estímulo. As operações mentais susceptíveis de permitir a organização de uma forma são, por assim dizer, obnubiladas pela intensidade do estímulo e imediação da reacção. Só numa fase mais avançada do desenvolvimento aparecerão as cores ligadas a objectos (conceitos) como sangue para o vermelho, relva para o verde, etc., e ligadas a formas que começam por ser secundárias, como em «estes vermelhos

---

<sup>1</sup> Este tema encontra-se mais longamente tratado em outro trabalho: «A Cor e o efeito inibitório de respostas ao Rorschach de crianças» (Silva e Marques, 2008).

aqui parecem cerejas», «este amarelo é o sol», e por fim primárias como na resposta lagartas verdes. Esta evolução do lugar da cor na resposta resulta, por um lado, da maturação neurofisiológica, importante ao longo dos primeiros anos de vida, e, por outro, do desenvolvimento psicológico, designadamente a entrada no estágio das operações concretas em que o pensamento lógico faz a sua aparição, a formação de conceitos e o raciocínio, a atenção e a concentração se desenvolvem a par do relacionamento interpessoal e grupal com todas as regras de comportamento que implicam e o inerente sentido da realidade.

A partir dos 6/7 anos, desaparecem as frequentes combinações incongruentes, as combinações fabuladas e as perseverações, o método mostra-se adequado para crianças de idade escolar e passa a ser usado na clínica infantil. De alguma forma, as fragilidades provenientes da imaturidade perceptivo-cognitiva, encontram-se ultrapassadas muito embora, como nota Leichtman, importantes alterações desenvolvimentais venham ainda a registar-se com a idade. E refere: «Ao longo do período escolar e da adolescência, por exemplo, a qualidade formal melhora, as respostas de movimento aumentam, a cor pura e depois as respostas cor-forma decrescem, e assim por diante [...]. Contudo, a partir do início do estágio III (6/7 anos) afirma-se que o Rorschach é um instrumento dotado de garantia e as codificações efectuadas registam mudanças fidedignas» (Leichtman, 1996, p. 64).

#### — A componente desenvolvimental

Mantendo-nos nesta linha e tendo em conta o facto aqui destacado de que, ao contrário do que ocorre nos adultos, a cor não determina o aumento da produção de respostas nos cartões coloridos, podemos registar que uma outra e nova mudança tem lugar ao longo deste período etário. Um primeiro dado que ilustra o que acabámos de dizer é o que se encontra nos dados normativos de crianças portuguesas dos 6 aos 10 anos. O Quadro n.º 1 mostra a evolução dos valores do Quociente Afectivo (*Afr*), naquelas idades, acompanhado do correspondente número médio de respostas. É mais nítida a descida daqueles valores do que os dos valores oscilantes de *R*, o que mostra claramente a ausência de quaisquer indícios de crescimento da produção com a idade.

## QUADRO N.º 1

## Valores de Afr e de R em 5 grupos etários de crianças portuguesas

Idades	Afr	R
6 anos	0,59	22,71
7 anos	0,53	25,25
8 anos	0,51	24,55
9 anos	0,52	25,73
10 anos	0,55	24,00

A par do que há pouco se referiu sobre mudanças ao longo deste período etário, pode acrescentar-se a verificação de Exner em relação ao Tipo de Vivências (1994, p. 354), definido pela relação entre o número de respostas de movimento humano e a soma ponderada das respostas cor. É ele que proporciona a caracterização de estilos de *coping* ou confrontação, designados de introversivos, extratensivos, ambíguos e evitativos. Segundo aquele autor, estes estilos não se encontram estabelecidos antes do final da primeira metade da adolescência, o que corresponde à idade em que se verificou que a produção de respostas é significativamente maior, em rapazes e raparigas, quando dadas aos cartões cromáticos do que aos acromáticos.

A questão que se delineia é, pois, a seguinte: dada a base perceptiva das respostas ao Rorschach e o que se indicou acerca da natureza do estímulo cor, verificando-se que a posição do determinante cor em relação ao determinante forma se altera ao longo dos anos, passando, a partir dos 15/16 anos, a ter uma frequência definitiva e dominante inversa da inicial — FC, CF, C; verificando-se, além disso, a presença de certa inibição de respostas aos cartões coloridos entre os 6 e os 10 anos, deverá considerar-se que, durante este período de desenvolvimento, os códigos indicados poderão ter o mesmo significado interpretativo que lhes será atribuído e reconhecido, a partir da segunda metade da adolescência e na idade adulta?

Por isso a observação de Rausch de Traubenberg há pouco invocada me parece carregada de significado e pertinência: «Falaremos das respostas cor, escreve, do seu significado e valor interpretativo segundo diversos eixos: de interesse qualitativo, atracção qualitativa ou elaboração de representações, diferentes

tipos de elaboração, carácter vívido da tonalidade emocional provocada ou carácter neutralizado das reacções, qualidade expressiva ou defensiva das condutas assumidas ou das atitudes qualitativas» (citado por Silva, 2008). E segue-se o comentário: «Como se pode ver, não importa aqui apenas o determinante da resposta, contam sobretudo os indicadores de como foi construída e dada a resposta e a presença, a ausência ou a defesa do envolvimento afectivo da criança ao dar a resposta» (Silva, 2008). Note-se que esta perspectiva de análise e interpretação do Rorschach corresponde à defendida por Leichtman, para quem o componente perceptivo é secundário, como o é nesta proposta de abordagem das respostas cor nos protocolos de crianças.

A cor como aquele elemento sensorial que se integra na forma, enriquecendo-a, diferenciando-a, aproximando-a ainda mais do real, requer, tudo o leva a crer, o pleno domínio dos conceitos, do pensamento abstracto, a integração no contexto social e cultural, o desenvolvimento e a maturação afectiva para além da maturidade suficiente do substrato neurológico que lhes subjaz.

Penso, deste modo, ter reforçado a ideia de que os princípios teóricos construídos a partir de comportamentos de adultos não são susceptíveis de ser aplicados acriticamente a outros níveis etários e ter proporcionado novos dados para a análise e interpretação da variável cor nas idades dos 6 aos 11 anos.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 22 DE JULHO DE 2010)

## REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M. D., Klopfer, B. (1954) «Quantitative Analysis» in B. Klopfer, M. D. Ainsworth, W. G. Klopfer, R. R. Holt, *Developments in the Rorschach Technique, volume I Technique and Theory*. New York, Harcourt, Brace & World, Inc., pp. 249-316.
- Erdberg, Ph., Exner, J. E. (1984) «Rorschach Assessment». In G. Goldstein, M. Hersen (Eds.) *Handbook of Psychological Assessment*, New York, Pergamon Press, pp. 332-347.
- Exner, J. E. (1959) «The influence of chromatic and achromatic color in the Rorschach». *Journal of Projective Techniques*, 23, 418-425.
- Exner, J. E. (1962) «The Effect of Color on Productivity in Cards VIII, IX, X of the Rorschach». *Journal of Projective Techniques*, 26, 30-33.
- Exner, J. E. (1994) Madrid, Rorschach Workshops, Prismática.

- Exner, J. E. (2001) *A Rorschach Workbook for the Comprehensive System, 5<sup>th</sup> edition*. Asheville, Rorschach workshops.
- Exner, J. E. (2003) *The Rorschach A Comprehensive System Basic Foundations and Principles of Interpretation Vol 1 4<sup>th</sup> edition*. New Jersey, John Wiley & Sons.
- Journal of Personality Assessment*, 2007, 89. Supplement 1.
- Leichtman, M. (1996) *The Rorschach A Developmental Perspective*. Hillsdale, The Analytic Press.
- Mausfeld, R. (2003) «“Colour” as part of the format of different perceptual primitives: the dual coding of colour». In R. Mausfeld and D. Heyer (Eds.) *Colour Perception Mind and the Physical World*. Oxford University Press, pp. 382-434.
- Rorschach, H. (1967) *Psychodiagnostic Méthode et Résultats d'Une Expérience Diagnostique de Perception*. Paris, P.U.F.
- Shapiro, D. (1960) «A Perceptual Understanding of Color Response». In M. A. Rickers-Ovsiankina (Ed.) *Rorschach Psychology*. New York, Wiley & Sons.
- Silva, D. R., Novo, R., Prazeres, N., (1990) «Los datos normativos del Rorschach presentados por Exner son válidos para la población europea *in extenso*? Ensayo con una población portuguesa». *Revista de la Sociedad Española del Rorschach y Métodos Projectivos*, 3, 33-40.
- Silva, D. R. (2002) «The effect of colour on productivity of Card X of the Rorschach». *Rorschachiana*, 25, 123-135.
- Silva, D. R. e Bacelra-Nicolau, H. (2003) «Um padrão ou vários padrões de características de resposta ao Rorschach, num grupo de dependentes de heroína?». *Toxicodependências*, 9, 47-64.
- Silva, D. R., Dias, M. e Bacelar-Nicolau, L. (2005) «Evaluación de las Relaciones de Objeto en el Rorschach de dos grupos: uno de alcohólicos y otro de dependientes de heroína». *Revista de la Sociedad Española del Rorschach y Métodos Projectivos*, 18, 82-91.
- Silva, D. R. e Dias, A. M. (2007) «Rorschach Comprehensive System Data for a sample of 357 Portuguese Children at Five Ages». *Journal of Personality Assessment*, 89, Supplement (S1), S131-S141.
- Silva, D. R. e Dias, A. M. (2007) «A propósito de la elaboración de una Tabla de la Calidad Formal del Rorschach de una muestra de niños portugueses». *Revista de la Sociedad Española del Rorschach y Otros Métodos Projectivos*, 20, 34-38.
- Silva, D. R. & Marques, L. G. (2008a) «A cor e o efeito inibitório de respostas no Rorschach de crianças». *Psychologica*, 48, 5-24.
- Silva, D. R. & Marques, L. G. (2008b) «L'effet de la couleur sur la production de réponses au Rorschach chez des enfants non consultants. Une étude génétique». *Psychologie Clinique et Projective*, 14, 221-232.
- Silva, D. R. (2009) «Consideraciones sobre la evolución de la variable Proporción Afectiva del Rorschach entre los 5 y 16 años». *Investigaciones Psicológicas*, 14, (1), 103-113.
- Silva, D. R. e Pires, A. A. (2009) «Un experimento con niños portugueses, con dos tablas de Calidad Formal en el Rorschach». *Revista de la Sociedad Española del Rorschach y Métodos Projectivos*, 22, 35-43.
- Weiner, I. B. (1995) «Searching for Rorschach Theory: A Wild Goose Chase». In XIV Congresso Internacional de Rorschach e Métodos Projectivos, Proceedings Book, pp. 23-32.